

Sobre os silêncios administrativos e outros silêncios

Desta vez escrevo-lhes com carra-gem e zangado pela acumulação de sandices (políticas!) com que um semanário não adscrito a nenhuma organização política transige até lhas reproduzir a uma moreia de notáveis.. Vale exprimir opiniões, mesmo políticas, acerca do processo político de eliminação da Comunidade (cultural) galegófono; mas não vale um semanário galego dar mais voz aos eliminadores que aos eliminados. Isso é amostra, mais uma, de jogar a perder.

Aliás, o facto de um inquérito oficial tao pseudo ser tão comentado, até merecer mais informação que a produzida pelas instâncias galeguizadoras não governamentais, torna-se também num paradoxal sítio da "vitalidade" galegógrafa que invade os quatro cantos da Galiza. Considere-se que esse "inquérito" sobre a "realidade sociolinguística galega", falseador, é dado a conhecer, pelo de agora, nos números 642 e 643 do Semanário. Por isso ninguém se estranha de que, como é moda, eu próprio ouse comentá-lo, embora com pretensão diversa:

1. Digo que ese "inquérito" e o "Ma-pa sócio-linguístico", propiciado pela RAG e subsidiado pelo Reino de Espanha, é falseante. Não digo que

os dados do "inquérito" sejam falsos; porém, o processo "inquisitador" é falseante no senso de as instituições espanhola promoverem o "conhecimento real" da situação sociolinguística da Galiza só quando lhes consta que os resultados são adversos á "galegidade" e, des-sarte, hão de os apresentar como bom esteio do desânimo geral dos já desanimados notáveis (que, por desanimados, não sei que notáveis pretendem ser...)

Dantes, para "introduzir" a sua língua nacional, o castelhano, nada "inquisitaram"; apenas a empregaram, massivamente, nas instituições, mormente a militar, e a partir de 1900 (mais ou menos) desde a escola. Não vale a pena se retrótrair mais nem procurar explicações nos "panfletos" e noutras literaturas franquistas e após franquistas, como as reproduzidas no núm. 643.

2. O facto "inquisitorial", porém, deveria abrir os olhos a esses notáveis "presuntos: o "inquérito" e o "mapa" fazem-se politicamente de acordo com o projeto político-nacional espanhol. O resto, como a ciência e as artes psicologistas, apenas se utiliza para explicar e verificar tal projeto. É assim como hão de entender-se os "comentários divinos" dos colaboradores institucionais (da Espanha) ao triste evento; no questionário de ANT, são o "Director do Instituto da Língua", o "escritor, Real Academia", o "escritor, ex conselleiro de Cultura", o "ex presidente da Xunta de Galiza" e a "Coordenadora docente de galego".

3. Só F. Rodríguez e M^a. X. Queizán apontam para os aspetos-cha-

ve do "tema":

a. o compromisso político das instituições do Reino com as línguas que não são anacional, seja essa a "galega", a basca ou catalã (e valenciana, ao seu ver);
b. o plano de normalização linguística realmente existente que atinge positivamente ao "espanhol" e negativamente ao galego (há plano de normalização: ou é que o castelhano não é cada vez mais normal?);
c. a desconexão da Galegofonia (dos seus "xefes" em particular) com as outras áreas da Comunidade Linguística (*lusofonia*) e conexão cada vez mais intensa e menos falseada com a Comunidade hispanófona.

4. O resto são endrômenas em que o "relatório" do próprio semanário incide. A mais "encromenosa" é essa teima por implicar às instituições espanholas num processo que, "de entrada" (ou seja, á partida), constitucionalmente nem podem, nem querem, nem devem efetivar. Outra coisa é a retórica legalizante...; outra coisa é que os políticos partidaristas não nacionalmente espanhóis (uff!) tenham de evidenciar essa só retórica sobre as línguas "autónomicas"...

No questionário de ANT, são o 'Director do Instituto da Língua', o 'escritor, Real Academia', o 'escritor ex conselleiro de Cultura'...

5. Mas, como prefiro que estas linhas se publiquem, porei de lado ANT e os politicamente galeguizadores (F. Rodríguez e mesmo Margarida Ledo) e atendo aos "notáveis" institucionais espanhóis:

a. Que a gente do ILG e da RAG não questione a sua tarefa, entusiasticamente colaboradora da desgaleguização, é o esperável. Se lembramos que o tema a debater é o uso de galego não apenas oral, mas sobretudo escrito e escrito-oral, assim como a socialização institucionalizada (escola, *mass-media*), não cabe preterir o facto da "forma", ou da "normativa". É esse o instrumento idiomático a utilizar normalmente.

Examinem-se os académicos e advertirão que eles são os que forneceram o princípio e fundamento desnormalizador da galegidade porquanto são eles os que definiram ex cathedra que podia ser galego qualquer coisa que se parecesse ao castelhano e que nenhuma maneira cabe considerar galego o que tem aspecto de português.

Isso, que, como denúncia, já disse-ra Luis V. Aracil á gente de aquela AS-PG lá por volta de 1978, justamente é o que os académicos estão a praticar decididamente desde esses mesmos anos como achado científico. A "xunta" só se limita a fazer o que os seus sábios lhe dizem..

b. Que a gente da cultura e do ensino declare os seus amores (bem pagos...) pelo idioma da Comunidade Autónoma também não deve estranhar. A sua função e justamente delcarar que estão namorados da língua e da literatura galegas; prova fiel desse amor é que escrevem... e

cobram por tão excelso labor.

Já que foram perguntados, o "ex presidente" e o "ex conselleiro" puderam ter recordado o seu ponto de vista político de presidente e de conselleiro. Realmente só fizeram pelo "galego normativo", até (com o Barreiro e algum outro) impedirem que aquele seu governo tripartito desfizesse o enguedelho albor-filgueirano ("apeiro", mais bem) de "oficializar" a ortografia duma língua espanhola, quando isso (oficializar uma ortografia) não é juridicamente correto no Reino de Espanha.

Por outro lado, esperar que do ensino espanhol venha algo bom para a galegofonia é desmesurar as cousas. Eu diria, sem muito exagero, que ainda há galegofonos apesar do ensino espanhol, como também há castelhanófonos na Galiza, hoje, apesar do ensino, dado que o Reino e a União Europeia parecem só procurar que os galegos carçam de toda e qualquer competência linguística (assim serão "melhores" emigrantes..?).

6. Acabo com a observação de Maria Xosé Queizán: "o problema é dos xefes, non do povo." E apliquem-na os que pretenderem ser nalguma medida chefes ou desenvolver algum jeito de chefia:

a. Esta "política", que é a institucional espanhola, não conduz mais que á desfeita.

b. Procure-se outra política, á partida, nao institucional espanhola. (...)♦

ANTONIO GIL HERNANDEZ
(ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE
GALIZA-PORTUGAL)